

O CORPO ENQUANTO OBJETO DE CONSUMO

Koiti Anzai¹

RESUMO: O objetivo do presente ensaio é discutir a preocupação de uma parcela considerável da população brasileira com a beleza corporal, e o papel representado por profissionais da Educação Física na manutenção de um verdadeiro culto à beleza, alimentado e mantido pela indústria e pelo comércio.

UNITERMOS: corpo; beleza corporal; academias; educação física.

Introdução

O corpo vem sendo um dos objetos de estudo cada vez mais freqüente atualmente no campo das ciências humanas e sociais. A educação física tem muito com o que se beneficiar disto, e vem elaborando também seus próprios trabalhos, além de participar de discussões sobre o tema com outras áreas do conhecimento, desde os estudos de Castellani (1988), Dantas (1988), Crespo (1990), Chagas (1994), Romero (1994), até mais recentemente os de Silva (1996), Melo (1997), Sant'Anna (1999), Silva (1999) e Goellner (1999), dentre outros.

Crespo (1990) chama a atenção para o fato de que as preocupações com o corpo do cidadão só podem ser compreendidas no entrecruzamento dos elementos econômicos, políticos e culturais de uma determinada sociedade. O autor verifica, no interior destas relações, que a intervenção do Estado é decisiva, agindo através de três eixos principais: por meio da simples repressão policial e da justiça; influenciando a consciência moral individual dos indivíduos; justificando a homogeneização das condutas. Deste modo se procura controlar os corpos e as energias dos cidadãos, reunindo-as para as "tarefas do progresso e da civilização".

A importância dada hoje ao corpo contrapõe-se ao ofuscamento ao qual esteve submetido no passado. Por muitos séculos, no mundo cristão, as atividades físicas corporais voltadas ao prazer estético estiveram relacionadas com a esfera do mal (a danação); o bem da alma (a salvação), prevalecia sobre aquele do corpo, e tudo aquilo que era corpóreo era considerado danoso para à vida espiritual. Para o cristianismo, a solução dos problemas morais não devia ser procurada na natureza ou na "razão", mas unicamente na relação entre espírito e Ser Supremo, na fé, na libertação da alma de qualquer servidão daquilo que é humano e terreno. Considerava-se, inclusive, que as doenças que atingiam os corpos eram castigos devido a atitudes contrárias à lei de Deus, cuja ira transformava nuvens ou tempestades em doenças e epidemias que arrasavam sem piedade a humanidade pecadora (Delumeau, 1990). Os recursos incipientes da medicina contribuíam para colocar os seres humanos à mercê de uma divindade vingadora (Crespo, 1990).

Também no Brasil, tanto na Colônia como no Império, as atividades físicas orientadas para o cultivo do corpo não foram incentivadas, pelos mesmos motivos acima expostos e mais o agravante da existência da escravidão, pois esforços físicos eram relacionados às atividades de escravos.

Castellani (1988) informa que, no Brasil, a preocupação com o corpo obteve um marco importante com a chegada da família real portuguesa, em 1808, e a criação da Academia Real Militar. Nesta academia introduziu-se um método estrangeiro, a ginástica alemã, sob a orientação de Pedro Guilhermino Meyer. Deste modo, os militares foram os primeiros a se dedicar sistematicamente à prática de atividades físicas.

No entanto, a aristocracia continua a resistir à atividade física, não identificada com as práticas da elite, que deveria se preocupar com os trabalhos intelectuais. Esteticamente, a pessoa que apresentasse a pele tostada era identificada com as camadas mais baixas da população, principalmente as mulheres, de deveriam ter a pele alvíssima e o corpo rechonchudo. Inclusive, as meninas, até o início da década de setenta do século XIX, não praticavam exercícios ginásticos (Oliveira, 1987). A educação física para meninas foi introduzida no Brasil por volta de 1874, e foi muito mal recebida pelos pais, que preferiam tirar as filhas das escolas.

Esta situação alterou-se em setembro de 1882, quando Rui Barbosa, então deputado, passou a proclamar os benefícios fisiológicos e psicológicos do exercício físico e instituiu a ginástica obrigatória para ambos os sexos, apesar dos muitos preconceitos vigentes. A ginástica feminina deveria abranger os trabalhos manuais, os jogos infantis, a ginástica educativa e os esportes menos violentos, compatíveis, segundo se acreditava, com a delicadeza do organismo e a harmonia das formas, que deveriam ser preservadas, visando uma futura maternidade. O argumento utilizado era o de que mulheres fortes e sadias teriam mais condições de gerar filhos saudáveis e aptos à construção e defesa da Pátria (Marinho, 1980).

Observa-se que, desde a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, se associa a educação física à educação do físico e à saúde corporal. Nesse processo influenciaram não apenas os militares, mas também

¹ Professor da Universidade Federal do Mato Grosso

os médicos que, baseados em uma visão higienista e, na maioria das vezes racista, lançaram mão da educação física para definir um padrão de físico ideal (corpo saudável, robusto e harmonioso organicamente) que representasse a superioridade racial e social da burguesia branca brasileira (Castellani, 1988).

Por volta de 1921, o Brasil começou a abandonar o espaço até então predominantemente preenchido pelo método da educação física alemã para sofrer outra influência estrangeira, a da ginástica francesa, cujo objetivo continuava a ser o do aprimoramento racial e a defesa da nação, cuja idéia mestra era a formação de homens fortes e combativos, invencíveis na guerra (Marinho, 1980).

Durante o Estado Novo foi dada ênfase ao ensino cívico e à educação física, dando origem ao que Lenharo (1986) chamou de "militarização do corpo", que ocorreu através moralização do corpo pelo exercício físico, pelo aprimoramento eugênico incorporado à raça e pela ação do Estado sobre o preparo físico e suas repercussões no desenvolvimento econômico brasileiro, num período em que o Brasil estava em pleno processo de implementação de seu parque industrial.

Neste período Goellner (1999) constatou que, nos números publicados da Revista Educação Física, de 1932 a 1945, a beleza feminina era mitificada quase ao ponto de torná-la incorpórea, contemplada a partir de um padrão estético construído para representar figuras humanas idealizadas, configurando-se não como retratos, como os entendemos hoje, mas como representações de um ideal a ser alcançado. Tais padrões seguiam, na maioria das vezes, aqueles incorporados nas artistas de cinema, imitadas nos cortes dos cabelos, na maquiagem, nas roupas e nos gestos, e que despertavam nas mulheres o desejo pela aquisição de corpos delineados como aqueles mostrados pelas telas dos cinemas e fotografias das revistas.

Mas essa mulher idealizada fisicamente só poderia estar completa se, aos atributos físicos, estivessem atreladas qualidades morais; a mulher deveria saber seduzir e chamar o olhar do homem, ser atraente, sensual, feminina, delicada e graciosa até o ponto de não ameaçar os conceitos tradicionalmente demarcados para cada sexo. Esta "nova mulher" deveria ser moderna, ágil, companheira responsável, capaz de enfrentar os desafios dos novos tempos. Tal representação irá reforçar o papel conferido à população feminina, qual seja, o cuidado com o lar e a educação dos filhos.

Com o fim do Estado Novo, as políticas educacionais que foram criadas em quase nada alteraram a educação física e os esportes no Brasil. Os verdadeiros problemas educacionais permaneceram intocados. Houve um cuidado maior com a formação de mão-de-obra fisicamente adestrada e capacitada dentro do sistema oficial de ensino e, fora dele, preocupação com a manutenção e recuperação da força de trabalho do operariado (Castellani, 1988).

Arapiraca (1982) verificou que, com a implantação da ditadura militar no Brasil, em 1964, foram implantados modelos educacionais que haviam sido utilizados nos Estados Unidos antes de 1920, e que visavam a implantação de ideais

americanos, como a livre iniciativa, o culto à propriedade privada e o anticomunismo, necessário à livre expansão do capitalismo. A universalização do mercado, exigência do capitalismo monopolista, tinha como objetivo transformar todos os bens em mercadoria, inclusive a educação, que passaria a estar sujeita à lei da oferta e da procura. O sistema escolar deveria formar recursos humanos para as indústrias e a universidade deveria tornar-se ela própria uma indústria. A nova política educacional visava a formação de cidadãos com uma visão tecnicista e fragmentada da realidade, sem cultura geral, meros executores de tarefas, incapazes de pensar a finalidade de seu trabalho e sua inserção na história.

A educação física, que já vinha atuando de forma conservadora desde o Estado Novo, foi novamente cooptada pela ditadura militar, seguindo o seguinte princípio: o estudante cansado e enquadrado nas regras de um esporte, não tem disposição para entrar na política. Atletas que se sagssem campeões receberiam bolsas de estudos nas universidades (Cunha & De Góes, 1985). Taffarel (1984) constatou, em 1982, que os professores do curso de educação física da Universidade Federal de Pernambuco tendiam a solicitar nas provas apenas os níveis mais baixos das capacidades e habilidades intelectuais dos alunos (memorização e compreensão), deixando de lado os aspectos mais complexos do raciocínio (aplicação, análise, síntese e avaliação).

Em 1970, com a divulgação pelo preparador físico da seleção brasileira de futebol, Capitão Coutinho, de que o excelente preparo físico dos atletas brasileiros havia sido conseguido graças à implantação do método aeróbio criado pelo norte-americano Kenneth Cooper, o método da corrida e da caminhada aeróbia tornou-se popular no Brasil. Foram implantados, ainda na década de 70, pelo Ministério da Educação e dos Desportos, vários laboratórios de pesquisas em Educação Física e Esportes de alto nível nas principais universidades brasileiras, com o objetivo de preparar atletas de elite para as competições internacionais. Em tempos de *guerra fria*, o melhor momento para propaganda política eram os Jogos Olímpicos; o atleta que subisse ao pódio no primeiro lugar, estaria mostrando o quanto o regime político de seu país era melhor, em todos os níveis. Incentiva-se o esporte competição, cujo objetivo era o de revelar novos talentos esportivos.

A difusão do método Cooper no mundo todo e nas grandes cidades brasileiras, levaram à sua prática, na busca de benefícios aeróbios. Este movimento foi concomitante ao de *redescobrimto* do corpo. Na esteira deste método, a cada dia surgiam novas academias de musculação, incentivando a "malhação", objetivando a formação de corpos belos, movimento que cresceu na década de 80 e que promoveu, muitas vezes, uma abertura de mercado de trabalho nem sempre desejável, como a de professores despreparados e mesmo leigos, que passaram a incentivar um verdadeiro culto ao corpo (Oliveira, 1987). Tal situação estimulou o consumismo ligado à venda de produtos ditos necessários às atividades, transformando a prática da ginástica aeróbica em verdadeiras passarelas de moda esportiva e de produtos estéticos e alimentares.

Os abusos na modalidade fizeram com que a ginástica aeróbica passasse a ter a fama de lesiva. No entanto, devido ao desenvolvimento de novos estudos e também ao grande número de produtos identificados com a atividade, e a conseqüente movimentação monetária, houve um repensar sobre a ginástica aeróbica, o que teve também o mérito de levantar a necessidade de estudos que refletissem sobre o desenvolvimento das academias no Brasil.

O culto ao corpo passou a preocupar estudiosos da educação física que consideram o ser humano enquanto um todo indivisível, não aceitando a dissociação entre os aspectos afetivo, psicomotor e intelectual. O papel até então desempenhado pela educação física, historicamente prestando serviços relacionados à política de eugenia, higiene corporal, disciplinarização dos indivíduos, seleção dos aptos e eliminação dos mais frágeis, levou à discussões sobre o verdadeiro papel do educador físico. Para este grupo, o professor de Educação Física não poderia ser mero adestrador físico. Nesta linha de argumentação, Oliveira (1983) constata que o processo de desenvolvimento da inteligência humana sempre esteve intimamente ligado ao movimento, e que o excesso de tecnicismo, gerador de hábitos, afasta a educação física de uma participação fundamental no desenvolvimento da inteligência e da criatividade. Desse modo, não se nega o fato da Educação Física ser uma atividade essencialmente prática, mas prega-se a necessidade dela ser uma atividade capaz de oferecer oportunidades para a formação do homem consciente, crítico e atuante na sociedade.

Para tanto, é necessário que as atividades físicas não sejam vistas como adestramento ou pura repetição mecânica de gestos inconscientes. O ser humano deve se movimentar tendo consciência de seus gestos, pensando e sentindo cada movimento, o que, em geral, não acontece em muitas das atuais academias de ginástica.

A propaganda e o corpo

Está bastante claro o papel representado pela educação física em relação às práticas e controles corporais. Para Chagas (1994), o poder sobre o corpo era, anteriormente, bastante claro e direto, exercido pela Igreja ou pelo Estado autoritário; agora, invade o cotidiano, na forma de discursos que pregam a liberdade sexual, o culto ao físico, a exaltação estética. A indústria cultural mantém relações diretas com a mídia que se responsabiliza em humanizar os bens materiais, erotizando produtos, e transformando o corpo em objeto de consumo.

Ao anunciar produtos relacionados à busca da beleza estética, sempre ligados à saúde do corpo, a mídia reforça os sistemas hierárquicos de valores, tornando a beleza o ponto alto dessa hierarquia, o que pode ocasionar uma competição estéril na busca de ascensão social, profissional ou mesmo afetiva, pois suas "armas" correm o risco de ficarem restritas à aparência física de seus corpos.

Os meios de divulgação, no Brasil e no exterior, exploram uma imensa gama de discursos e propagandas, que procuram induzir os consumidores à compra de produtos de beleza ou

de instrumentos voltados à prática de exercícios físicos com apelos imediatistas, prometendo corpos saudáveis e bonitos em pouco tempo. Mais uma vez procura-se identificar corpos belos e vigorosos, esculpidos em aparelhos de academias de musculação e bistris, com saúde. Não raro, tais anúncios têm, por trás, grupos cujos interesses estão voltados unicamente ao lucro. Ao mencionar a beleza, tais anúncios remetem imediatamente a padrões determinados principalmente pela moda, não existindo, em relação a eles, questionamentos mais profundos sobre a sua origem, quem ou o que os determina.

Se a televisão, a publicidade, o cinema, as revistas, os jornais, e agora a internet, defendem as dietas milagrosas, os músculos torneados e bronzeados, as vitaminas que evitam o envelhecimento, as clínicas de rejuvenescimento e as academias de ginástica, é porque isso tudo dá muito dinheiro. E se muito pouco se fala de afeto e respeito entre pessoas comuns, não tão lindas e nem tão elegantes como as modelos mas que, mesmo assim, se sentem felizes, certamente é porque isso é bem menos rentável.

Exemplo disso é o que se verifica pouco antes da temporada de verão, quando estilistas destacados, formadores de opinião, estabelecem a compleição dos corpos, o corte e a cor dos cabelos, o tipo de tecido e o tamanho do decote ou da saia. Uma vez definido o padrão, a indústria e o comércio investem na confecção dos produtos que serão divulgados pela mídia, com propagandas muito bem elaboradas e que induzem a população a adquirir produtos que, mesmo sendo supérfluos e não adequados ao estilo de determinada pessoa, acabam sendo adquiridos, pela força da propaganda, que instiga a busca de novidades.

O padrão atual de beleza física ocidental, proposto pela publicidade e pela mídia, é o da figura longilínea, tipo físico das modelos Claudia Schiffer, Cindy Crawford e Naomi Campbell, ou o das estrelas de cinema, como Sharon Stone, Julia Roberts ou Demi Moore, não importando quantas plásticas tenham sido necessárias para que chegassem ao resultado final. Mas o apelo ao corpo perfeito não se restringe apenas às mulheres, pois o público masculino vem sendo cada vez mais atingido pela propaganda, que veicula a imagem do homem jovem, bem sucedido profissionalmente, com músculos bem delineados, combinando com roupas, calçados e acessórios ditos da moda, praticantes de esportes radicais, simbolizando o protótipo desejado.

A pressão social para se atingir esse ideal é de tal magnitude, que leva milhões de pessoas, no mundo inteiro, a gastar fortunas em regimes, cosméticos ou a recorrer à cirurgia plástica como recurso mágico para eliminar anos ou quilos, ou mesmo realçar as áreas consideradas menos favorecidas de sua anatomia. O corpo, desse modo, tem se prestado à exacerbação da sexualidade através dos trajes, o que se pode observar em programas de televisão, onde mulheres de formas perfeitas incorporam personagens como a siliconada e misteriosa "Feliteira" ou a "Tiazinha", de máscara e chicote, que induz, subliminarmente, à prática de sexo sado-masoquista, numa sociedade onde milhares de mulheres são espancadas pelos maridos, sem que se discuta o impacto

disso numa realidade que apenas nos últimos anos começou a denunciar agressões físicas de anos a fio.

Outro efeito colateral disto é que a banalização do sexo está induzindo as crianças a uma iniciação sexual precoce, aumentando a preocupação de pais, professores e órgãos governamentais, alarmados com a possibilidade de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce de adolescentes.

A psicóloga Lipp (1999) verificou, em uma avaliação de alunos matriculados da primeira à quarta série de escolas do interior paulista, que as meninas revelavam níveis de estresse muito altos. Entre os alunos estressados na primeira série, 76% eram meninas; na quarta série o índice subiu para 84%. A explicação para isto pode estar no fato de que, enquanto os meninos são estimulados a irem para a rua, fazer amigos e iniciar as paquerinhas, as meninas ouvem dos pais, o tempo inteiro, que devem se sentar direito, falar baixo e ter cuidado com as amigadas. Por outro lado, a erotização na infância é uma realidade e, cada vez mais cedo as meninas são despertadas para a sensualidade, iniciam competição nesse campo com as coleguinhas e preocupam-se muito com a estética. Em escolas com uma prática mais rígida a sexualidade precoce leva ao estresse.

Vive-se hoje uma espécie de ditadura daqueles que querem que os fora dos padrões, principalmente os menos magros, sintam culpa de sua aparência, não pelo fato da gordura não ser benéfica, mas porque precisam desta culpa para alimentar uma indústria que se beneficia dessa insegurança. A pessoa que passa o dia na frente do espelho, tendo como meta unicamente o seu exterior, ou medindo o biceps e comparando o tórax com outras pessoas, sente-se como se o seu sucesso pessoal dependesse unicamente do seu corpo ou da roupa que estiver usando.

Nesse movimento de intensa mudança de hábitos e valores, a educação física brasileira, com algumas exceções, vem cumprindo o papel de reprodutora de uma ideologia da beleza, ao preocupar-se preponderantemente com a força, a estética e a beleza corporal, e muitas academias de ginástica demonstram o quanto são produtos ou subprodutos das estruturas que caracterizam este sistema.

Reginaldo Prandi, sociólogo da Universidade de São Paulo, entrevistou 672 estudantes paulistanos, de escolas públicas de periferia, bairros de classe média e escolas particulares, na faixa dos 12 aos 25 anos. A questão colocada dizia respeito àquilo que mais atraía num possível namorado, e qual a principal qualidade que procuravam no outro. A pesquisa demonstrou que, quanto mais alto o nível social, mais a aparência física é levada em consideração na escolha do parceiro. Entre os estudantes das escolas particulares, 61% preferem parceiros bonitos, taxa que cai para 57% entre estudantes de escolas públicas de classe média, e para 50% entre estudantes de periferia. Itens como inteligência e cultura (10 a 12%), caráter e personalidade (8 a 14%), foram bem menos apontados.

A indústria tem apostado na aparência, um filão que rende muito. Em 1989 foram lançados 50 produtos dietéticos e, em 1995, cerca de 150 produtos. O número de cirurgias

plásticas para fins estéticos, em 1985, foi de quarenta mil, número que aumentou, em 1995 para cento e cinquenta mil, em 1996 pra cento e setenta e cinco mil, em 1997 para duzentos mil e, em 1998, para cerca de duzentas e cinquenta mil cirurgias. Segundo o presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, as operações por motivos estéticos, em 1997, já tornava o país o campeão mundial neste tipo de intervenção, sendo 50% delas feitas no Rio de Janeiro. As mulheres representam 80% destes números, embora venha crescendo o número de homens que a procuram.

As academias de ginástica

As academias de ginástica têm representado papel importante neste processo de descoberta do corpo, naquilo que se refere ao verdadeiro modismo que se instaurou. Dantas (1988) verificou que, no Rio de Janeiro, os objetivos a serem alcançados pela clientela das academias foram as seguintes: 85% a estética (65% emagrecimento), 6% questões higiênicas, 5% orientação médica, 4% maior socialização. Em Cuiabá, Nigro (1992) obteve os seguintes resultados: 83,2% visa a estética, manutenção da forma e descontração, e 13,3% visa a saúde. Sá (1992) efetuou um estudo na cidade de Várzea Grande-MT, e conseguiu os seguintes resultados: 70% visa somente a estética, 14% visa maior massa muscular, 11% busca a sociabilização e 8% preocupa-se com a saúde.

Em pesquisa realizada por Meira (1992), dirigida apenas ao sexo masculino praticante de caminhadas e corridas, na Cidade Alta-Verdão, em Cuiabá, a resposta à pergunta sobre os objetivos que os movia a tal atividade foi a seguinte: 64% praticava a corrida visando a saúde, 15% visava o condicionamento físico, 11% visava a competição e 10% corria por prazer. Campos (1992), analisando a caminhada de mulheres na pista de atletismo da Universidade Federal de Mato Grosso, conseguiu os seguintes resultados: 63,3% caminha visando a saúde, 26,7% visando a estética e 10% visando a estética e a saúde.

Os dados conferem uma grande importância à estética, o que leva apenas ao desenvolvimento do físico. Para Codo & Senne (1985), quando as atividades físicas estão voltadas apenas para a obtenção de objetivos estéticos, o que pode ocorrer é o "desenvolvimento e reforço de um acentuado individualismo e narcisismo entre os alunos". Os adeptos da beleza ostentatória, que fazem questão de mostrar o dinheiro, o tempo livre para passar tardes em academias, clínicas de rejuvenescimento, shoppings, boates e bares da moda, mostram o desejo de serem admirados e invejados. E neste processo contribuem muitos profissionais de educação física, cultivando em seus alunos apenas os padrões estéticos do momento (Chagas, 1994).

A transferência de conteúdos e práticas educacionais trazidas do exterior, seja por meios oficiais ou privados, podem trazer como consequências a absorção de mecanismos de controle social que levam, entre outros problemas, à perda de valores culturais. Palafox (1990) observa que o brasileiro não deve preocupar-se apenas em utilizar de forma correta as propostas de atividades físicas importadas, sendo

necessário analisá-las com profundidade em todas as suas dimensões. Muitas dessas novas metodologias trazem consigo a necessidade de aquisição de novas vestimentas e novos aparelhos, que fazem parte do pacote, demonstrando muitas vezes que o verdadeiro objetivo é a transferência de tecnologia para a satisfação de demandas, muitas vezes supérfluas e que, geralmente, favorecem a uma minoria privilegiada da população.

No Brasil, a indústria da ginástica movimenta anualmente 2 bilhões de reais, e possui cerca de 15.000 academias espalhadas pelo país. Todos os anos os brasileiros compram 10 milhões de pares de tênis, produzidos especialmente para a prática de exercícios físicos. O Brasil é o maior importador de aparelhos esportivos fabricados nos Estados Unidos; gasta, em média, anualmente, em torno de 200 milhões em máquinas esportivas.

Considerações finais

Os profissionais de educação física podem modificar esta situação de ditadura da estética corporal através da informação. Existem formas objetivas de se aliar o desenvolvimento do bem estar físico, psicológico, social, intelectual e emocional, com a aquisição de formas belas e harmônicas.

Não se nega o fato da Educação Física ser uma atividade essencialmente prática; prega-se, isto sim, a necessidade dela ser uma atividade capaz de oferecer oportunidades para a formação do homem consciente, crítico, atuante na sociedade. Para tanto, é necessário que as atividades físicas não sejam vistas como adestramento ou pura repetição mecânica. O ser humano deve se movimentar visando a saúde global, tendo consciência de seus gestos, pensando e sentindo cada movimento, o que, em geral, não acontece em muitas das atuais academias de ginástica.

Como se viu, o culto ao corpo tomou dimensões maiores a partir da década de 70, vindo a fortalecer-se bastante na década de 80, sendo, atualmente, às portas do terceiro milênio, um verdadeiro modismo. Os frequentadores de academias, na ânsia de encontrar saída para seus corpos que consideram imperfeitos, entram, então, numa dura e controlada disciplina corporal, com exercícios feitos mecanicamente, e num rígido regime alimentar, como se tais atitudes pudessem garantir o seu "lugar ao sol", independentemente de suas condições sociais, intelectuais ou profissionais. A indústria e o comércio agora já partiram também para a faixa etária dos mais velhos, a chamada terceira idade, potencialmente consumidora e que não deve ser desprezada. Ainda são poucas as academias com atividades físicas voltadas aos idosos e, para Okuma (1998), são poucos também os idosos que conhecem a atividade física como um recurso importante para minimizar a degeneração provocada pelo envelhecimento, possibilitando a manutenção de uma vida com qualidade.

Os profissionais de educação física têm um longo e árduo trabalho a realizar. Através de informação abalizada pode conscientizar sua clientela sobre a existência de outros

objetivos além do puramente estético, tais como a manutenção da saúde, a sociabilização, o controle do estresse e o equilíbrio emocional, dentre outros. No entanto, muitas academias de ginástica estão atendendo apenas ao apelo do mundo "fashion", fazendo o jogo da busca da estética corporal e do corpo perfeito. Seria desejável que se percebesse que o desenvolvimento do bem-estar físico, psicológico, social, intelectual e emocional também permite o aflorar de outros tipos de beleza, que transpareceria no rosto, no gesto e no corpo, sem a necessidade de buscar padrões de beleza externos, e nem fazer parte de um jogo no qual já se entra como perdedor.

Bibliografia

- ARAPIRACA, José Oliveira. *A USAID e a Educação Brasileira*. Cortez Editora, 1982.
- CASTELLANI FILHO, L. *Educação física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papyrus, 1988.
- CHAGAS, Eliane. "Educação física: Escola de Formação do Corpo Feminino". In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 15 (3), 1994. Pp
- CODO, W. & SENNE, W. A. *O que é corpo(latria)*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CRESPO, J. *A história do Corpo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CUNHA, L. & De GÓES, M. *O golpe na educação*. Zahar: Rio de Janeiro, 1985.
- DANTAS, E. H. M. *Proposta teórica de um modelo de treinamento para aplicação em Academias de Ginástica*. Rio de Janeiro. (Dissertação de Mestrado apresentada à Escola de Educação Física e Desporto da UFRJ.), 1988.
- DELUMEAU, J. *História do medo no ocidente 1300-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GOELLNER, S. V. *A revista educação physica (1932-1945) e o embelezamento da Mulher*. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 21(1): 1335-1340, 1999.
- HAKME, F. *Brasileiras são campeãs mundiais em vaidade*. *Boa Forma*, 04, 1998.
- LENHARO, A. *Sacralização da política*. Campinas: Papyrus, 1985..
- LIPP, M. *A mulher sofre mais estresse*. *Revista Veja*, setembro de 1999.
- MARINHO, I.P. *História da educação física no Brasil*. São Paulo: Brasil editora, 1980.
- MELO, C. K. *A gestualidade dos corpos nas academias e seus contornos masculino Femininos*. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. X Congresso Brasileiro. Outubro 1997. (Anais vol. II).
- MEIRA FILHO, R. *Objetivos da caminhada dos praticantes do sexo masculino na Cidade Alta/Verdão/ Cuiabá-MT*. Cuiabá: Faculdade de Educação Física da UFMT, 1992 (mimeo).
- NIGRO, R. *As academias de ginástica de Cuiabá: Squash, Action Club, Regiástica, Pedro Fernandes, Modelle, Hora do Corpo*. Cuiabá: Faculdade de Educação Física da UFMT, 1992 (mimeo).

- OKUMA, S. S. *O idoso e a atividade física*. Campinas: Papyrus, 1998.
- OLIVEIRA, V. M. *O que é Educação Física*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____, V. M. *Fundamentos Pedagógicos: Educação Física*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.
- PALAFIX, G. M. *Educação Física no Brasil: Aspectos filosóficos-pedagógicos subjacente à política nacional em ciência e tecnologia para esta área no período de 1970-1985*. São Paulo (Dissertação de mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1990).
- ROMERO, E. *A educação física a serviço da ideologia sexista*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. 15(3) 226-233, 1994.
- SÁ, C.F. *A Academia Shotokan de Varzea Grande*. Cuiabá: Faculdade de Educação Física da UFMT, 1992 (mimeo).
- SANT'ANNA, D. B. *Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil*. In: *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- _____, D. B. *Das razões do culto ao corpo às condutas éticas*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 21(1): 57-60, 1999.
- SILVA, A. M. *A razão e o corpo no mundo*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. 21 (1): 52-57, 1999.
- TAFFAREL, C. N. Z. *Capacidade e habilidades intelectuais solicitadas nas provas Escritas das disciplinas técnicas do curso de licenciatura em educação física e Técnico em desportos da UFPE., segundo a taxionomia de Bloom e colaboradores* Revista Brasileira de Ciências do Esporte. 6 (1), 1984.

ABSTRACT: *This paper had the aim to search answer to the great worry about the body beauty of a large portion of brazilian population. It also studied what has been the role of many professionals of phisics education that works to maintain the beauty ideology by trade and industry.*

KEYWORDS: *body; body beauty; academy, physycal education.*
